

# PUCviva

N.º 586 - 21/8/2006

Jornal semanal da APROPUC e da AFAPUC

LEIA AINDA  
NESTA EDIÇÃO

Prossegue debate  
sobre a crise  
no Oriente Médio

\*

PUC-SP 60 anos:  
em vez de festa,  
atividades críticas

## SITUAÇÃO SE AGRAVA

# Reitoria não apresenta propostas de Acordo Interno aos professores

A Reitoria deveria apresentar suas novas propostas de Acordo Interno para os professores até sexta-feira, 11/8. Porém, até o fechamento desta edição, nenhum texto foi enviado à APROPUC.

Depois da denúncia dos acordos internos de professores e funcionários, Reitoria e APROPUC sentaram para negociar um novo texto que, segundo os gestores, deveria garantir melhores condições do que

aquelas propostas pelo dissídio da categoria. Ao longo dos últimos cinco meses, quatro itens foram propostos pela Reitoria e discutidos exaustivamente com a APROPUC. Porém, depois de uma última reunião em 1º/8, a Reitoria não mais se pronunciou, apesar dos pedidos da associação.

Para a diretoria da APROPUC, tal atitude mostra falta de seriedade

nas negociações e desrespeito às condições de ensino e trabalho dos docentes, já que um Acordo Interno não reflete somente condicionantes econômicos.

À atitude da Reitoria, soma-se a divulgação unilateral da revogação do atual sistema de quinquênios (divulgada em 18/8), a edição da nova tabela de promoção na carreira e os cortes e diminuição de turmas, com

consequente rebaixamento de contratos de trabalho. Respondendo somente às diretrizes da Fundação São Paulo, a Reitoria mostra falta de autonomia nas negociações, aproveitando-se do refluxo da categoria.

A APROPUC entende que o único instrumento de defesa que hoje está colocado aos professores é a sua participação nas assem-

bléias, defendendo as conquistas históricas dos docentes. Sem a garantia da manutenção de nosso Acordo Interno, corremos o risco de ver instaurada a arbitrariedade para todos os trabalhadores da PUC-SP. Nesse sentido, a APROPUC está convocando os professores para uma assembléia nesta segunda-feira, 21/8, às 18h, na sala 137 do Prédio Novo.

## Gestores discutem envolvimento dos funcionários com os ajustes da Curadoria

A Fundação São Paulo e a Reitoria reuniram-se na última semana com as chefias administrativas, para pedir o envolvimento dos funcionários com os ajustes propostos pelo Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), assinado pela Fundação e pela Curadoria de Fundações. Segundo os gestores, se tal envolvimento não ocorrer, corremos o risco de uma intervenção do Ministério Público.

Segundo a Fundação São Paulo, para aplicar os ajustes, fica difícil cumprir à risca o texto de cada convenção sindical, pois existem alguns sindica-

tos mais combativos que outros. A Divisão de Recursos Humanos publicará, nos próximos dias, um texto normatizando a aplicação das convenções.

A Reitoria anunciou também que procederá ao desconto dos dias parados na greve de 2004 na folha de setembro próximo (paga em outubro), obedecendo aos critérios já apresentados (60% descontados e 40% repostos em trabalho).

### Acordo Interno

A AFAPUC, entendendo que não havia mais condição de debater um

novo acordo, entrou com um recurso junto ao Tribunal Regional do Trabalho reivindicando a manutenção do atual texto. Na primeira audiência conciliatória, a Reitoria alegou não poder avançar mais num novo acordo, em virtude das exigências do TAC. O texto foi levado ao TRT, e a AFAPUC apresentou sua contestação na semana passada. Agora o Ministério Público deverá apreciar a argumentação de ambas as partes e emitir um parecer para o julgamento da questão, a ser agendado proximamente.

## A paz do massacre

**A**nunciado o acordo de cessar fogo entre Israel e o governo do Líbano, com anuência do Hezbollah. Paz patrocinada pelas potências.

Dois soldados israelenses foram capturados e três mortos na operação da resistência libanesa. Resposta israelense: bombardeio maciço, devastação, ocupação do território libanês e massacre de civis. O aprisionamento de dois soldados era o que precisava para o governo Olmert usar o seu poderio militar, que faz dos foguetes do Hezbollah miniatura em uma guerra de destruição massiva.

Desde que se impôs pela força do capital externo e das armas o Estado de Israel em território palestino, na 2ª Guerra Mundial, instaurou-se uma situação de conflito bélico permanente. Armado pelos Estados Unidos, Israel venceu as batalhas e aproveitou a superioridade para manter sob ocupação Golan, Cisjordânia e Faixa de Gaza. O avanço territorial e a política de criar colônias em terras ocupadas expuseram objetivos expansionistas e, portanto, colonialistas. Potenciou-se o conflito.

A resistência nacionalista, frente ao Estado militarista de Israel, recorreu à antiga forma dos mais fracos de lutar – a guerrilha e o terrorismo. A guerra entre exércitos regulares mostrou que o arsenal tecnológico de Israel pôde fazer pó dos adversários árabes.

Como lidar então com o Hezbollah e Hamas, que não são adversários militares clássicos? Que contam com apoio da população e que se escondem em suas entranhas? Como destruir os foguetes espalhados? Resposta israelense: bombardear a população. A guerra contra o Hezbollah é uma guerra contra todos que estão ao lado da resistência: crianças, velhos, mulheres e trabalhadores.

A história conhece guerra de dominação e a guerra de libertação. A de dominação, principalmente a moderna, tem de recorrer à barbárie. Não é por acaso que os Estados Unidos estão por detrás das guerras no Oriente Médio desde que se tornaram potência hegemônica na região, substituído o colonialismo Inglês e Francês, que passou a controlá-la desde 1ª Guerra Mundial, com a desintegração do Império Otomano (turco).

É visível que a ocupação do Afeganistão e do Iraque pelos Estados Unidos configurou um quadro de guerra geral no Oriente Médio. A guerra de massacre contra o Líbano é um elo desse quadro geral. O imperialismo necessita esmagar qualquer resistência nacionalista para impor seu domínio.

Eis o sentido da paz indicado por Condoleezza Rice: "Agora, pela primeira vez a comunidade internacional colocou todo seu peso numa estrutura política prática para ajudar o governo libanês a implementar esses princípios incluindo o desarmamento de todas as milícias que operam em seu território". Evidencia um chamado à volta da guerra civil no Líbano.

A paz do massacre é apenas mais um capítulo de um longo período de matança. Numa guerra, não há como ficar neutro, se calar ou fazer que não vê. Vivemos a época de barbárie do capitalismo – as guerras de dominação são sua fisionomia mais acabada.

**Ersen Martins de Oliveira,**  
Diretor da Apropuc.

## Cepe volta a discutir vagas para vestibular

**N**a quarta-feira, 16/8, a reunião do Cepe foi marcada pela revisão de temas relacionados aos projetos de expansão da PUC-SP. A oferta de vagas para os cursos novos e antigos no vestibular do fim deste ano foi um dos temas.

Antes que a extensa discussão começasse, foi feita uma breve avaliação sobre o desempenho dos cursos recém-avaliados no Enade (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes).

Muito se comentou sobre o boicote que grande parte dos cursos da PUC-SP organizaram para a avaliação. Isso fez com que a pontuação concedida pelo MEC para esses cursos fosse muito baixa – algo que desagradou a Reitoria, já que é sabida a grande qualidade dos cursos oferecidos pela universidade. Assim sendo, a vice-reitora acadêmica Bader Sawaia apontou a missão que têm os professores em conversar com seus estudantes sobre a importância do Enade.

### Como anda a expansão?

No debate sobre as vagas

do vestibular, os conselheiros tiveram de lidar com diagnósticos amargos sobre o oferecimento de alguns cursos no câmpus Santana e Barueri.

Muitas vagas atualmente oferecidas não estão sendo preenchidas. Em Santana, constatou-se que apenas cursos como os da Cogear, Administração ou Economia apresentam equilíbrio entre número de estudantes e vagas oferecidas. Quanto ao câmpus Barueri, o oferecimento somente dos cursos tecnológicos parece não estar totalmente fechado. Isso porque a prefeitura da cidade – que faz parceria com a universidade na instalação do novo câmpus – vê interesse também no oferecimento de outras modalidades de curso.

Também foi levantada a possibilidade de se pensar em uma mensalidade diferenciada para o curso de Serviço Social, já que o perfil de quem ingressa no curso não condiz com o preço que é cobrado atualmente. Uma comissão foi formada para pensar em propostas que serão apresentadas no dia 16/9.

**PUCviva**

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.  
**Coordenação:** Valdir Mengardo. **Sub-editor:** Leandro Divera. **Reportagem:** Jaqueline Nikiforos e Pedro Nogueira. **Edição de arte, projeto gráfico e editoração eletrônica:** Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães. **Colaboraram nesta edição:** Marta Bispo da Cruz, Priscilla Cornalbas, Erson Martins de Oliveira, Hamilton Octávio de Souza, Anselmo Antonio da Silva, Maria Helena G. S. Borges. **Telefones da Apropuc:** 3670-8209 e 3872-2685. **Correio Eletrônico:** [apropuc@uol.com.br](mailto:apropuc@uol.com.br). **Telefone da Afapuc:** 3670-8208. **Endereço do PUCviva:** Rua Cardoso de Almeida, 990 - Sala CA 02 - Corredor da Cardoso - São Paulo - SP. **Fone:** 3670-8004. **Correio Eletrônico:** [pucviva.jornal@uol.com.br](mailto:pucviva.jornal@uol.com.br) - **PUCviva na Internet:** [www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br).

# Sobre o editorial do PUCviva n.º 584

Reuven Faingold

Não sei se V.S. o Sr. Erson é professor da PUC ou não, mas confesso que li e não gostei da forma como foi escrito seu artigo “**Fora Israel do Líbano e da Palestina**”, matéria tendenciosa e infeliz desde a própria escolha do título.

No entanto, o que me preocupa é o fato de V.S. ter escrito um artigo repleto de inverdades; demonstrando nitidamente a seus eventuais leitores um grande despreparo e uma falta de conhecimento dos fatos históricos. Mas, vamos refutar alguns argumentos ou afirmações da sua matéria. Na minha opinião seu texto é um convite a refletir sobre a legitimidade da luta armada da milícia Hezbollah no Líbano, e a impunidade demonstrada no mundo para com os atos genocidas do Estado de Israel.

1) O Sr. foi extremamente feliz ao definir Israel como um Estado sionista, porém não adianta falar do “Estado sionista” de forma pejorativa e ofensiva. Ser sionista significa acreditar que o povo judeu, como outros tantos povos, tem direito à autodeterminação nacional, tem direito a um território no qual possa levar uma vida plena, digna, criando sua própria cultura, estabelecendo instituições, educando seus cidadãos, em resumo: consolidando uma sociedade modelo como de fato este pequeno Estado judeu (de apenas 22.000 km<sup>2</sup>) o faz há mais de 58 anos.

2) O Estado de Israel não foi criado artificialmente como V.S. coloca. Bem pelo contrário, houve uma luta de 30 anos (1917-1947) para criar uma infraestrutura que pudessem atender os interesses dos judeus na região. O tal sionismo, tão vilipendiado através de suas palavras, foi responsável pelo surgimento de um sentimento de caráter patriótico. Foi esse nacionalismo judaico da Palestina britânica que motivou

judeus a imigrar ao novo país, a construir as primeiras cidades (Tel Aviv) e aldeias rurais (kibutzim, moshavim) e a criar instituições democráticas que pudessem garantir um futuro próspero. Na mesma época os árabes da Palestina também poderiam ter criado seu próprio nacionalismo, mas lamentavelmente não o fizeram, optando por destruir tudo aquilo que o sionismo tentava erguer, e basta lembrar os distúrbios de 1920, 1921, 1929 e 1936-39. Os sionistas foram persistentes em suas idéias e ações. Ganharam por cansaço dos britânicos e forçaram sua rápida saída em novembro de 1947. Foi nesse momento que o caso passou para a ONU; decidindo sabiamente que a melhor solução seria erguer dois estados nacionais: um árabe e outro judeu. O resto da história certamente o Sr. já deve conhecer: os judeus aceitaram e levantaram seu Estado (mesmo que pequeno) e os árabes, faltos de uma liderança o rejeitaram por completo. Portanto, Israel é um Estado soberano, criado através de uma votação pela maioria dos países.

3) O Estado de Israel é militarista em função das pressões impostas pelos vizinhos árabes, pois não por acaso a nação judia precisou experimentar o amargo sabor de seis guerras (1948, 1956, 1967, 1973, 1982, 1990), isto sem contar a “revolta popular” (Intifada) iniciada em 2000 pelos palestinos. O Estado não é militarista por opção e sim por imposição. Acredite que qualquer reservista do Tzahal preferiria viver sua vida cotidiana, mesmo que pacata, a servir de 45 a 60 dias no exército.

4) O governo Olmert não é prepotente como foi afirmado na sua matéria. Ele age a partir de uma experiência colhida durante quase seis décadas. Em relação ao convívio com o mundo árabe, já por 1948 Israel registra no texto da *Declaração da Independência*: “**Estendemos nos-**

**sa mão a todos os estados vizinhos, e a seus povos; numa oferta de paz e boa vizinhança, e lhes apelamos a estabelecer liames de cooperação e ajuda mútua com o povo judeu soberano estabelecido em sua própria terra**”.

5) A guerrilha nacionalista do Hezbollah nasceu da resistência do povo libanês, afirma o autor do artigo. Isto é uma inverdade. O Irã foi quem supriu esta milícia com quantidades maciças de foguetes de artilharia de longo alcance de um tipo nunca usado antes contra Israel. Síria também fez sua parte neste quesito. É óbvio que o governo libanês, que inclui também representantes do Hezbollah, sabia de tudo e a tudo apoiava. A milícia Hezbollah aproveitou a retirada unilateral de Israel do sul do Líbano para instalar-se ilicitamente neste país. Durante anos o sul do Líbano esteve tranqüilo graças ao trabalho do Major Haddad junto ao Exército de Defesa de Israel. Bastou Israel deixar suas posições da faixa de segurança para que o grupo terrorista Hezbollah se instalasse, ocasionando a destruição total do país e utilizando o povo libanês como escudos humanos. Esta é a dura verdade que ninguém gosta de lembrar.

6) Não ficou clara a afirmação de que “o cerco militar no Líbano, Gaza e Cisjordânia é apenas continuidade de uma guerra mais geral no Oriente Médio do imperialismo e do colonialismo sionista contra os povos oprimidos”. Acho que esse tipo de *slogan* em relação ao imperialismo está totalmente ultrapassado. Ele foi usado com frequência durante a Guerra do Vietnã através da ala soviética. Hoje não funciona, pois é notório que Israel não enquadra na definição de potência colonialista. Israel nunca teve pretensões de conquistar o Líbano. Após

permanência necessária, a área foi devolvida aos libaneses. Muito menos de retomar Gaza, o território entregue há um ano atrás (23/08/2005) aos palestinos, que ainda hoje continuam bombardeando Sderot quase que diariamente com mísseis de longo alcance.

7) Desarmar o Hezbollah é uma tarefa que somente Israel poderá realizar. A maioria dos países árabes é totalmente conivente com a infiltração desta milícia terrorista no Líbano. Para eles este grupo não representa perigo. O Líbano, interessado em que o Hezbollah saia, não tem um exército capaz de assumir tamanha responsabilidade. Israel está fazendo o trabalho “sujo” que caberia ao omisso mundo árabe.

8) Uma palavra sobre EUA e Iraque, mesmo que isto fuja um pouco do tema Israel no Líbano, foco do artigo. As forças americanas invadiram Iraque para aliviar o sofrimento do povo iraquiano, hostilizado pela família do ditador Saddam Hussein, atualmente processado. O erro americano é certamente pensar que o Iraque, como outras tantas nações árabes, poderão algum dia adotar a democracia como sistema de vida. Mera ilusão!!

Enfim, Sr. Erson Martins de Oliveira... poderia continuar minha fala durante horas, mas estou um pouco cansado de digitar. Um bom conselho de amigo: precisamos estudar melhor o mundo árabe para defendê-lo, e conhecer com luxo de detalhes o conceito de democracia do Estado de Israel para atacá-lo. Minha sugestão é estudar com maior profundidade os fatos para depois sim poder “tomar partido”, mesmo que o tema esteja distante de suas convicções ideológicas.

**Reuven Faingold** é professor de História Judaica, formado na Universidade Hebraica de Jerusalém. Atualmente leciona no Colégio Iavne e na Casa do Saber.

## EVENTO

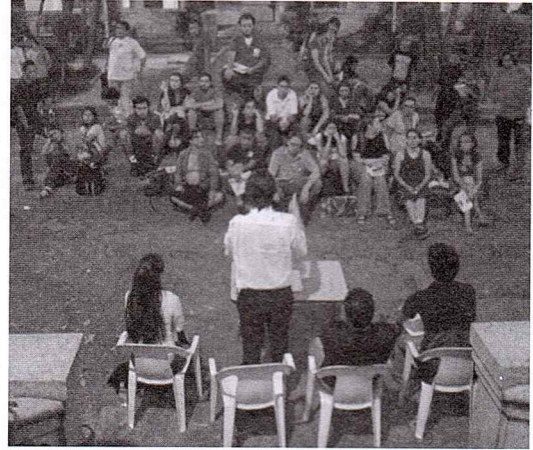
# Debate sobre o Líbano abre Semana Paralela das entidades

No dia 16/8, iniciou-se o ciclo de debates e atividades que irão compor a Semana Paralela, organizada pelo CCA, APG, APROPUC e AFAPUC. O evento, que se propõe a fazer um contraponto às comemorações organizadas pela Reitoria pelos 60 anos da PUC-SP, começou debatendo um tema bastante polêmico e atual: a invasão do Líbano por Israel.

Cerca de 70 pessoas compareceram ao Pátio da Cruz para o evento. Os debatedores Fábio Bosco, do Comitê de Solidariedade aos Povos Árabes, Simone Ishibashi, graduada em Ciências Sociais pela PUC-SP, e Hadi Hamed, um ex-morador do sul do Líbano e membro da Juventude Islâmica Libanesa, apresentaram pontos de vista que destoam do discurso hegemônico dos Estados Unidos e de Israel.

Através de dados, análises e vivências pessoais, os debatedores elucidaram pontos polêmicos. Hadi Hamed contou que a milícia libanesa Hezbollah – caracterizada como organização terrorista por seus adversários – é responsável pela criação de escolas, hospitais e até pela pavimentação de estradas. Além de contar com cadeiras no parlamento, segundo Hamed, o Hizbollah tem a aceitação de 87% da população. Ele também destacou a importância da milícia como forma de resistência, lembrando que os ataques israelenses custaram a vida de mais de mil libaneses civis, enquanto menos de cem militantes foram vitimados.

“Achei interessante conhecer a visão dos libaneses, pois não tinha muito conhecimento do que é o Hezbollah. É algo diferente da mídia marrom, não saí totalmente



Participantes debatem a situação do Líbano

esclarecida, mas ganhei algo para pensar” afirma a estudante Joana Pentead, do CA de Psicologia. Para o estudante de jornalismo Alex Godoy, o evento foi importante, por trazer experiências de pessoas que conhecem a realidade. Mas “faltou alguém que debatesse do outro lado”, ponderou. O também estudante Bruno Rico aponta que discutir a situação internacional é importante, mas faltou analisar as relações da guerra com o governo Bush, a economia internacional e o próprio governo Lula, e de que forma tais fatos incidem na realidade brasileira.

## Comunicado da APG

A APG enviou ao *PUCviva* o seguinte comunicado: “No dia 16/8, foi afixada faixa na Prainha que indevidamente incluía a Associação de Pós-Graduandos da PUC-SP (APG) entre as entidades que apoiariam o ato realizado no mesmo dia sobre o Oriente Médio. Esclarecemos que a APG tem como filosofia a promoção de debates que visem a mediação e a apresentação dos dois lados, em caso de conflito, de forma que não apoiemos o referido evento, que se voltava a propagandar a visão de apenas um dos lados. A APG organizará evento de debate acadêmico sobre a questão em breve”.



# Professores, funcionários e estudantes realizam Semana Paralela

"PUC-SP: 60 anos de tradição em formar jovens talentos para grandes empresas". Desta forma está sendo anunciado o início das comemorações, organizadas pela Reitoria da PUC-SP, para celebrar o aniversário de 60 anos de nossa universidade. O primeiro passo foi dado ainda em julho, com uma solenidade que gerou diversos protestos estudantis em frente ao Tuca.

Por discordar da forma como foram organizadas as celebrações, dos temas dos debates e do caráter mercadológico implícito, a comunidade da PUC-SP, através de suas entidades representativas (APROPUC, AFAPUC, APG e Conselho de Centros Acadêmicos) resolveu montar sua própria semana, numa perspectiva de aprofundar os debates realmente candentes à universidade e à sociedade. Na terça-feira, 16/8, um debate sobre a crise no Oriente Médio abriu as atividades (leia matéria nesta edição).

Muitas outras ações estão por vir. As projeções para a PUC-SP – terceirização e precarização do trabalho – e os quase mil trabalhadores demitidos da universidade no início do ano também serão temas abordados durante a semana.

## O porquê desta Semana

No início deste mês, a Reitoria convidou os centros acadêmicos para uma reunião, onde apresentou um projeto já definido de sua semana de comemoração destes 60 anos. Os estudantes resolveram não aderir às atividades programadas. "A semana que nos foi apresentada não dá espaço aos estudantes e às discussões que realmente precisam ser feitas. Além disso, a palavra 'comemoração' incomoda o Movimento Estudantil. Ao contrário, não há o que comemorar hoje", diz Victor Sá dos Santos, membro da gestão do CA Benevides Paixão.

### Confira as atividades da Semana Paralela

22/8 – PUC-SP: O barco tá afundando, e agora?

Sala 333, 9 e 19h  
Com representantes da APG, AFA-PUC, APROPUC e CAs

23/8 – Recruta?! E a juventude trabalhadora?

Terceirização e precarização do trabalho  
Pátio do Benê, 19h  
Com Alex Ruillard (Gauche Revolutionnaire), Brandão (Sintusp) e Gabriel Casoni (USP)

24/8 – Ninguém esqueceu! Vamos apagar as velinhas?

Homenagem aos Demitidos  
Concentração em frente ao Tuca, 18h30

De 21 a 25/8 – Painéis sobre a Reforma Universitária

Corredor da Biblioteca, Prédio Novo

Assembléias

## Professores

21/8

segunda-feira

18h - sala 137 - Prédio Novo

Acordo Interno  
Contrato de Trabalho

## Funcionários

29/8

terça-feira

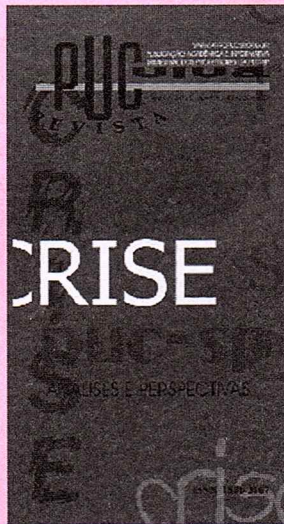
14h - sala 239 - Prédio Novo

Acordo Interno  
Crise da universidade

# Rola na rampa

## Revista *PUCviva* começa a circular nesta semana

O número 26 da revista *PUCviva* se debruça exclusivamente sobre a crise da PUC-SP. Os professores associados à APRO-PUC receberão em suas casas os exemplares, que contém artigos de representantes dos três setores da universidade: professores, estudantes e funcionários. Os pontos de vista também representam diversas versões sobre o processo pelo qual a universidade passa. Podem ser encontrados na revista artigos de Lúcio Flávio de Almeida, Jorge



Cláudio Ribeiro, Luiz Felipe Pondé, Cláudio Couto, Francisco Fonseca, Rodrigo de Souza, entre outros.

## Nu-Sol e Pós preparam colóquio sobre terrorismos

No próximo dia 11/9 o Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária) e o pós em Ciências Sociais realizam discussões sobre os terrorismos. Os encontros fazem parte de um colóquio totalmente dedicado ao assunto. Serão realizados vários deles, durante os períodos da manhã, tarde e noite. Dentre os convidados para compor as mesas estão professores da PUC, UNICAMP, UERJ e UFF. Outras informações podem ser obtidas pelo telefone 3670-8517 ou pelo site [www.nu-sol.org](http://www.nu-sol.org).

## Programação oficial comemora 60 anos de PUC-SP

Vários eventos foram programados para esta semana em todos os câmpus, por ocasião do aniversário de 60 anos da universidade. Palestras, debates e mesas-redondas vão refletir sobre a história da PUC-SP e seus rumos. Na segunda-feira, 21/8, acontece a cerimônia de inauguração do câmpus Barueri, com a presença do cardeal dom Cláudio Hummes. A programação completa da semana pode ser encontrada no endereço [www.pucsp.br](http://www.pucsp.br).

## Enecom tematiza outras formas de comunicação

Aconteceu entre os dias 6 e 12/8, em Salvador (BA), o 28.º Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (Enecom), pautado pelo tema *Outra Comunicação é possível: combatendo as opressões e construindo as bases para uma nova sociedade*". Contando com a presença de mais 1.500 estudantes de

todo o Brasil, o encontro - apesar dos problemas de evasão e de estrutura - conseguiu avançar e politizar diversos debates relacionados à comunicação, educação e sociedade, como a democratização das comunicações, a reforma universitária e o combate às opressões de gênero, etnia, sexuais e de classe.

## Lançamento de livro sobre religião

O livro *Umbanda: mudanças e permanências - Uma análise simbólica* será lançado nesta semana. A obra é o resultado final da dissertação de mestrado de Brígida Carla Malandrino, no pós em Ciências da Religião da PUC-SP. O lançamento acontece na terça-feira, 29/8, às 18h30, na Livraria Cortez (Rua Bar-tira, 317). Informações: [www.pucsp.br/educ](http://www.pucsp.br/educ).

## Caleidoscópio: prazo de entrega termina nesta semana

Os professores e funcionários interessados em terem seus contos, poemas e crônicas publicados no livro *Caleidoscópio*, da Editora Olho d'Água, podem mandar seus textos até o final desta semana. O livro é caracterizado como uma antologia cooperativa, para que membros da comunidade possam publicar suas próprias obras conjuntamente. Informações: 3673-1287.

## Mostras na Videoteca

A Videoteca da PUC-SP dará continuidade às suas mostras neste semestre. Como parte da mostra *Soy loco por ti, América*, serão exibidos nesta segunda-feira, 21/8, os filmes *A batalha do Chile III - O poder popular*, às 12h, e *Rei do tráfico*, às 17h. Já na mostra *Freud 150 anos - A arte do inconsciente*, será exibido às 19h15 o filme *Morangos silvestres*, de Ingmar Bergman, seguido por

debate. Na terça-feira, 22/8, serão exibidos *A época da inocência*, às 12h, e *Cabo do medo*, às 17h, compondo a mostra *Trajectoria - Martin Scorsese*. Na quinta-feira, 24/8 às 19h, será exibido o *making of* do filme *Anjos do sol*, seguido por debate com um pesquisador no Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre a Criança e o Adolescente (NCA), do pós em Serviço Social.